

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

TIJOLOS E ESPELHOS, O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)

PARTE 1 – ANTES DA REVOLUÇÃO

7 de Fevereiro de 2023

QALEH / 1966

“BAIRRO DAS MULHERES”

Realização: Kamran Shirdel *Produção:* Ministério das Artes e da Cultura (Irão, 1966-1980) *Cópia:* digital, preto-e-branco, versão original em persa legendada em inglês e com legendagem electrónica em português, 18 minutos *Título internacional:* Women’s Quarter *Estreia:* 19 de Dezembro de 1980, no Irão *Primeira apresentação em Portugal:* 18 de Novembro de 2007, no FIKE-Festival Internacional de Curtas Metragens de Évora *Primeira apresentação na Cinemateca:* 21 de Novembro de 2007 (“Homenagem a Kamran Shirdel”), com o título português “Sector Feminino”.

Nota de abertura impressa na cópia: *Qaleh* e *Teheran, Payetakht-e Iran Est* foram encomendados pela Organização das Mulheres Iraniananas em 1966. Após a interdição do segundo filme, a filmagem de *Qaleh* foi interrompida e o trabalho ficou incompleto. Doze anos depois a revolução permitiu recuperar o material e completar o trabalho inacabado. O filme foi montado pela primeira vez no Inverno de 1980.

NEDAMATGAH / 1965

“PRISÃO DAS MULHERES”

Realização: Kamran Shirdel *Produção:* Centro Nacional do Cinema e da Arte Audiovisual (Irão, 1965) *Cópia:* digital, preto-e-branco, versão original em persa legendada em inglês e com legendagem electrónica em português, 11 minutos *Estreia:* 1965, no Irão *Título internacional:* Women’s Prison *Primeira apresentação em Portugal:* 18 de Novembro de 2007, no FIKE-Festival Internacional de Curtas Metragens de Évora *Primeira apresentação na Cinemateca:* 21 de Novembro de 2007 (“Homenagem a Kamran Shirdel”).

TEHERAN, PAYETAKHT-E IRAN EST / 1967

“TEERÃO É A CAPITAL DO IRÃO”

Realização: Kamran Shirdel *Produção:* Ministério das Artes e da Cultura (Irão, 1965) *Cópia:* digital, preto-e-branco, versão original em persa legendada em inglês e com legendagem electrónica em português, 18 minutos *Título internacional:* Teheran Is the Capital of Iran *Estreia:* desconhecida *Primeira apresentação em Portugal:* 18 de Novembro de 2007, no FIKE-Festival Internacional de Curtas Metragens de Évora *Primeira apresentação na Cinemateca:* 21 de Novembro de 2007 (“Homenagem a Kamran Shirdel”).

AN SHAB KE BARUN AMAD / 1967

“A NOITE EM QUE CHOVEU”

Realização, Argumento: Kamran Shirdel *Fotografia:* Naghi Maasoumi, Kamran Shirdel *Som:* Homayoun Pourmand *Montagem:* Fati Dorostian, Kamran Shirdel *Som:* Homayoun Pourmand *Narração:* Esmail Nouriala *Narrador, entrevistador:* Nosrat Karimi *Produção:* Ministério das Artes e da Cultura (Irão, 1967) *Cópia:* digital, preto-e-branco, versão original em persa legendada em inglês e com legendagem electrónica em português, 38 minutos *Título internacional:* The Night it Rained *Ou:* The Epic Of Gorgani Villager *Estreia:* 1974 Festival Internacional de Cinema de Teerão (Prémio de Melhor Documentário) *Primeira apresentação em Portugal:* 18 de Novembro de 2007, no FIKE-Festival Internacional de Curtas Metragens de Évora *Primeira apresentação na Cinemateca:* 21 de Novembro de 2007 (“Homenagem a Kamran Shirdel”).

filmes de KAMRAN SHIRDEL

NOTA

Os quatro filmes vão ser apresentados nos ficheiros digitais que, não sendo ideais, são actualmente a única forma possível da sua existência em projecção. A importância da sua visibilidade justificou a inclusão no programa, e para o facto se chama a atenção. No caso de “*A Noite em que Choveu*” são visíveis os sinais de desgaste do material de origem em película.

Aos que morreram em inocência. A dedicatória de *Qaleh / "Bairro das Mulheres"*, que estremece de actualidade, colhe para o núcleo dos filmes de Kamran Shirdel (cineasta, fotógrafo e escritor nascido em Teerão, em 1939). A sua formação no Centro Sperimentale di Cinematografia em Roma, onde começou por estudar arquitectura e conviveu com Roberto Rossellini, Michelangelo Antonioni ou Vittorio De Sica, antecedeu o regresso ao Irão em 1964, altura em que se iniciou como documentarista interessado nas comunidades marginalizadas, nos excluídos, nos que não tinham voz. Realizados entre 1965 e 67, numa altura em que o regime do Xá da Pérsia apregoava a propaganda do desenvolvimento económico do país ocultando a sua realidade de miséria e pobreza, os três primeiros filmes do alinhamento são poderosos casos da "produção social" de Shirdel, que por razões mais ou menos evidentes foi forçada à clandestinidade. Do mesmo período e alvo da mesma sorte, o quarto título, "*A Noite em que Choveu*", é normalmente referido como a sua obra-prima: uma curta-metragem "documental-satírica" em que o olhar crítico sobre a sociedade iraniana da época goza do sentido de humor, sendo ainda reveladora da pulsão de auto-reflexividade do Cinema Novo Iraniano, que não cessamos de descobrir não ter "nascido" com Abbas Kiarostami nem Jafar Panahi, dois nomes do "segundo momento" dessa Nova Vaga.

Quando, em 2007, Kamran Shirdel esteve em Portugal e veio à Cinemateca apresentar este conjunto de filmes (e ainda *Tanhaee-ye Awal / "Solidão Opus 1, 2001*), apresentámo-lo como um importante realizador iraniano cuja obra mantinha uma relativa discricção, ocupando um lugar de relevo no Cinema Novo dos anos 1960 com um longo percurso de filmes censurados (a expressão certa é *banidos*): até 1979, realizou vários títulos documentais, todos eles confiscados e sem possibilidade de visibilidade, o que sucedeu igualmente à longa-metragem com a qual, em 1972, fez um remake de *À bout de souffle (Sobh-e Rooz-e Chaharom / "A Manhã do Quarto Dia")*, bem como à tentativa ensaiada para a segunda, uma adaptação de *O Inspector Geral* de Gogol, interrompida durante a rodagem por razões de censura. "*A Noite em que Choveu*" foi (evidentemente) censurado, condição a que foi fugazmente resgatado em 1974 quando foi apresentado e premiado em Teerão para voltar a ser rapidamente recolhido. As razões prendem-se com a natureza do seu trabalho, espelho da devastação iraniana da sua época no registo documental, seco e directo que o caracteriza, em linha com os ensinamentos do cinema neo-realista italiano e os procedimentos do "cinéma vérité" francês de inspiração soviética.

É uma experiência forte, ver estes filmes numa altura em que o povo do Irão, e em especial as mulheres do Irão, mostram ao mundo uma verdadeiramente revolucionária vontade de liberdade, travando uma luta feroz a que a comunidade internacional parece não estar devidamente atenta. Nos anos 1960 de outra realidade iraniana, igualmente privada de liberdade, pejada de preconceitos (termo brando) e violência, "*Bairro das Mulheres*" e "*Prisão das Mulheres*" dão nota de um retrato duro. O primeiro documenta a prostituição feminina do bairro de Teerão então conhecida como Shahre no (descrito como uma espécie de "bairro vermelho"), auscultando pessoas que o habitam. O segundo atenta nas condições da prisão de mulheres, escutando sobretudo as prisioneiras sobre o seu quotidiano e o dos filhos pequenos que com elas partilham a experiência do cárcere. "*Teerão É a Capital do Irão*" – como "*Bairro das Mulheres*" resultante de uma encomenda de uma designada Organização das Mulheres –, documenta a pobreza da zona sul da capital iraniana. O arrojo de enfrentar a filmagem dos motivos eleitos, a escuta das suas protagonistas e, por outro lado, o balanço com o estilo do registo de Shirdel conta com um aturado trabalho da banda de som e a utilização de imagens fixas, seja pelo seu congelamento seja pela justaposição de fotografias propriamente ditas (é o caso, particularmente exemplar, de "*Bairro das Mulheres*").

Completado no mesmo ano de *“Teerão É a Capital do Irão”* mas apresentado publicamente apenas em 1974, *“A Noite em que Choveu”*, também conhecido como *“O Épico do Rapaz de Gorgan”* (como o título da notícia de jornal lida pela enérgica voz *off* que abre o filme), terá custado o emprego e outros dissabores ao realizador. Costuma ser referido como “o grau zero da tradição da docu-ficção” iraniana, circula no ambiente restrito dos conhecedores do Cinema Novo Iraniano como uma sua preciosidade e um título seminal. A história passa-se no Norte do Irão, seguindo a pista de uma notícia de jornal que relata a aventura de um miúdo da aldeia de Gorgan que, reparando na destruição de um troço das linhas do caminho-de-ferro no regresso a casa findo o dia de escola sob chuva intensa, avisa o condutor do comboio que se aproxima com sinais feitos com o fogo que atea ao casaco, evitando o que poderia ter sido um acidente dramático. Está tudo “contado” nos primeiros planos, imbuídos da mesma energia do *off*, e do som dos rolos de papel de jornal em impressão na gráfica. A vozeria mediática em tempo de imprensa escrita e papel, chama a atenção do cinema: o incidente motiva a ida ao local de uma equipa de filmagens de Teerão, construindo-se o filme com toques de burlesco e integrando na sua narrativa as andanças da equipa, ou seja, o dispositivo do cinema e os seus bastidores.

A partir de uma realidade jornalística verídica, esgrime-se a convivência de factos e boatos, a impossibilidade de distinguir os factos e a sua ficção segundo as contraditórias interpretações dos locais ouvidos pela equipa, com o rapaz a ser tratado como herói por uns e a ver a própria existência negada por outros que qualificam toda a história como uma pura encenação distractiva. “Mentiras, um monte de mentiras.” É a última fala. Assim se cruzam e descruzam a investigação jornalística, testemunhos de funcionários ferroviários, responsáveis institucionais, o professor da aldeia, alunos e aldeãos. A contradição é a matéria-prima narrativa de desfecho indeciso. E repare-se no plano final, um plano geral com as linhas do caminho-de-ferro ao centro da imagem e um vulto que se afasta, com algo de Chaplin nesta versão *“Noite em que Choveu”*. De repente o plano torna-se fixo e a sua duração prolonga-se, mas o enquadramento é fechado por duas barras negras que no cimo e em baixo o cerram, conferindo à imagem uma nova composição e oferecendo-lhe as dimensões do CinemaScope. Enquanto se escuta a ironia de uma canção, a imagem fixa-se em paralítico (um de tantos nos filmes iranianos que por estes dias desfilam aos nossos olhos). A vibração mantém-se na banda sonora, a fechar com o silvo endiabrado de um comboio.

Maria João Madeira